

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE GESTÃO EM SAÚDE

Gabriela Cristina Trancozo Costa

A PRODUÇÃO SOCIAL DA LOUCURA COMO DOENÇA MENTAL
E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Rio de Janeiro

2011

Gabriela Cristina Trancozo Costa

A PRODUÇÃO SOCIAL DA LOUCURA COMO DOENÇA MENTAL
E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para
aprovação no curso técnico de nível médio em
saúde com habilitação em Gerência em Saúde.

Orientadora: Grasiela Nespoli

Rio de Janeiro

2011

Gabriela Cristina Trancozo Costa

A PRODUÇÃO SOCIAL DA LOUCURA COMO DOENÇA MENTAL
E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para
aprovação no curso técnico de nível médio em
saúde com habilitação em Gerência em Saúde.

Aprovado em 10/01/2012

BANCA EXAMINADORA

(Me. Grasielle Nespoli – FIOCRUZ / EPSJV / LABGESTÃO)

(Dr. Marco Aurélio Soares Jorge – FIOCRUZ / EPSJV / LABORAT)

(Verônica de Almeida Soares – FIOCRUZ / EPSJV / LABFORM)

Dedico esta monografia aos meus amigos e familiares, e, sobretudo, à minha orientadora, Grasielle Nespoli, por ter sido tão amiga e ter tido tanta paciência durante este tempo.

“Em nossa sociedade a felicidade é um dever e vem vestida com a aparência de um corpo bonito, são e normatizado, imunizado contra doenças e todos os tipos de infortúnio, mas tão vazio de vida como as atraentes embalagens das mercadorias que consumimos.”
(Marta Dantas)

RESUMO

Este trabalho relata o contexto histórico do surgimento da loucura e relata sua dimensão durante três períodos distintos, tais quais, Idade Média, Renascimento e Modernidade. Aponta conceitos dois conceitos importantes, estabelecido por Foucault, para o entendimento das perspectivas reconhecidas nos períodos históricos. Marca a passagem da loucura para uma doença mental. Recorda o contexto das práticas psiquiátricas trazidas e desenvolvidas no Brasil, no século XX. Apresenta uma biografia sucinta da vida e obra de Arthur Bispo do Rosário. Registra as mostras mais importantes enquanto esteve vivo. Defini conceitos que auxiliam na compreensão das características do sujeito, e que possibilitam o reconhecimento do louco não somente como um doente mental, mas como um propulsor de si mesmo, garantindo sua própria vida. E por fim, ilustra algumas das obras de Arthur Bispo do Rosário, enaltecendo seu trabalho artístico.

Palavras-Chave: Loucura. Arthur Bispo do Rosário. Duplos do sujeito.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO	16
2 A CRIATURA	18
3 A EXISTÊNCIA DOS DUPLOS	25
4 A INVENÇÃO DE UM MUNDO	28
5 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	34

APRESENTAÇÃO

Arthur Bispo do Rosário é uma figura extremamente inquietante a todos, tanto por sua personalidade quanto por sua produção. É impressionante o incômodo, seja qual for sua natureza, que um espectador presencia ao deparar-se com este homem. Esta monografia surge por uma inquietação. Surge, pois me senti provocada a conhecer um pouco dentre as diversas questões que Bispo suscita, por exemplo, como conseguiu escapar do anonimato através das artes plásticas, mesmo que sua intenção não fosse a arte. É, ao mesmo tempo, quase que imperceptível o envolvimento proporcionado por Bispo do Rosário; e brutal, pois, uma vez abalado não dá para esquecer esta figura. Arrisco-me a dizer que Bispo é como um susto, pois sua presença se dá de maneira imediata, sem grandes apresentações, sem pedir licença. E mais, atrevo-me a dizer que esta era a real intenção de Bispo, causar incômodo, fazer-se presente, ser reconhecido.

Inserido na moderna configuração da psiquiatria brasileira, encontra-se Bispo, nascido provavelmente em 14 de maio de 1909, em Japaratuba, pequena cidade a cinquenta e quatro quilômetros de Aracaju. Após um episódio de delírio em que, como afirma o próprio Bispo, sete anjos o deixam à meia-noite na casa da Rua São Clemente 301, residência do advogado Humberto Leone¹; Bispo peregrina por dois dias por igrejas do centro da cidade do Rio de Janeiro. Ao chegar ao Mosteiro de São Bento anuncia aos monges presentes que estava ali para julgar os vivos e os mortos.

(...) este tempo traz em ato o que os significantes fundamentais do sujeito dizem. É numa trindade que Bispo se posiciona. Na casa do advogado Leone, um triângulo masculino – José Leone no trono de Deus, Humberto Leone, seu filho, no papel de Jesus Cristo, e Bispo no de São José. Mais tarde Bispo afirmaria ouvir as vozes de São José, seu pai, e da Virgem Maria, sua mãe, desde a infância. O lugar de Jesus era do próprio Bispo. (CORRÊA, 2001, p.??)

Em decorrência desse delírio, em 22 de dezembro de 1938, Bispo é levado para o Hospício da Praia Vermelha e diagnosticado como esquizofrênico-paranoico. Do Hospício da Praia Vermelha, Bispo é encaminhado à Colônia Juliano Moreira – permanecendo na mesma entre 1938 e 1989 -, onde pôde escapar de tratamentos psiquiátricos como a lobotomia, porém, ainda era submetido a tratamentos como os eletrochoques. No que diz respeito às drogas medicamentosas, que ganham força na Colônia em 1950, Bispo se punha em reclusão

¹ Humberto Leone foi advogado de Arthur Bispo do Rosário após um acidente de trabalho na Light, empresa na qual Bispo permaneceu entre 1933 e 1937. Desde então, Bispo é acolhido pela família Leone, chegando a morar no quarto dos fundos cedido pela mesma.

voluntária para não ingerí-las, chegando a recusar até mesmo a comida que lhe ofereciam, já que minimizavam sua capacidade de "trabalho".

Quanto a isso, Bispo dizia ter uma missão. Como enviado de Deus, sua função no mundo era somente uma: a confecção de objetos que transcrevessem sua percepção da realidade. Obrigado por vozes, para que conseguisse cumprir sua missão, permanecia, por vezes, enclausurado durante meses. Segundo o próprio Bispo, um de seus recolhimentos teria durado sete anos.

Bispo do Rosário se tornou uma figura notória no campo da psiquiatria brasileira por constituir, por meio da representação do mundo à Deus, uma subjetividade que transita e escapa do poder psiquiátrico classificatório e normativo. E, por isso, este trabalho pretende compreender a forma estética de existência inaugurada por Bispo; estética de existência como entende Foucault, como a possibilidade de criação de um estilo próprio de vida, de construção de si mesmo como o artesão da beleza de sua vida (VENTURA, 2011).

Desta forma, o presente trabalho procura ponderar a produção de uma subjetividade mais libertária, materializada por Arthur Bispo do Rosário quando este foge aos padrões de identidade impostos pelas práticas psiquiátricas, construindo-se como sujeito por meio de práticas próprias de liberação (FOUCAULT, 1984). Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura no intuito de identificar e discorrer sobre sua biografia, sobre sua vida, sobretudo acerca de sua potencialidade de elaboração de um universo de miniaturas como forma de reedição de sua existência na Terra.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que com o surgimento do pensamento científico e de novas tecnologias a loucura foi sendo redefinida de acordo com o discurso epistemológico e jurídico. Foucault traz em seus estudos a trajetória dessa mudança, desde sua primeira impressão no período renascentista até a modernidade, nos mostrando que as concepções de loucura e de louco são mutáveis e se reconfiguram a cada período histórico, a cada cena cultural.

A obra foucaultiana, *História da Loucura*, permuta desde a Idade Média à Modernidade, da passagem do onírico da loucura a uma inauguração e exclusão dela como doença mental; e nos remete a uma “arqueologia” dos discursos referidos à loucura, incitando com sua obra a “genealogia” da mesma². A incisiva discussão foucaultiana possibilita o conhecimento das estratégias institucionais e políticas de medicalização com vista à normatização da loucura. Em suma, *História da Loucura* narra, de acordo com Nalli (2001), a gradual sujeição da loucura à razão, apontando uma complexa geografia entorno desta.

Historicamente três períodos são compreendidos na arqueologia da loucura. Num primeiro ato, tem-se a concepção renascentista, na qual os loucos e a loucura estão associados às naus, com insanos a bordo. Neste momento a loucura traduz uma inquietude, revelando a corrupção da mente à insensatez, e ao mesmo tempo um fascínio, já que o louco era aquele capaz de conhecer a verdade através de seus delírios e dos poderes esotéricos. Diante disso, Foucault nos mostra duas experiências da loucura no período renascentista: uma “trágica”, similar à natureza da loucura, unindo onírico e real; outra “crítica”, relativa aos erros e defeitos humanos (OLIVEIRA, 2010).

O segundo ato se edifica na concepção classicista da loucura, iniciada no século XVII. Nesse momento, considera-se a loucura uma forma relativa à razão, admitindo que toda loucura possui sua razão, e toda razão possui sua loucura. Essa cena é marcada pela moralidade e não mais pela sabedoria cósmica. A razão apóia-se na moral e o louco é visto como desregrado e fraco. Começa a surgir, então, o pensamento ordenado, acentuando a distância entre razão e loucura. A concretização disso está na inauguração do Hospital Geral³,

² A arqueologia preocupa-se com o saber, com a análise do discurso, mostrando que o discurso não tem simplesmente sentidos, mas uma história, sendo um método de descrição sistemática de enunciados ou objetos. A genealogia é uma forma de produção de conhecimento que considera a formação dos saberes segundo condições de emergência sociais, econômicas, políticas, subjetivas, uma história que define os saberes em termos de estratégias e táticas de poder (MACHADO, 1998).

³ De acordo com Foucault (1973), a psiquiatria constrói uma relação com o hospital de “constatação para uma verdade oculta, e de prova, para uma verdade a ser produzida” (FOUCAULT, 1973, p. 440). Como espaço de conhecimento e espaço de prova, o hospital se tornou tanto um local capaz de revelar a verdade da doença, quanto um produtor da mesma, no sentido de que fosse possível a real eclosão da doença.

que a priori reúne todos os que fogem à percepção ética, fazendo com que o louco seja confundido com os devassos, os profanadores e os libertinos. A política de exclusão do século XVII traduz a tentativa de homogeneização de miseráveis e loucos, “o internamento cumpre a função de reprimir essa população, conter seus motins e explorá-la como força de trabalho” (OLIVEIRA, 2010, p. 400). Dessa forma, a loucura aproxima-se do pecado da carne, é coagida pelo coração e testemunha a profanação; e passa a carregar essa herança deixada pelo “grande enclausuramento”, onde o espaço conferido ao louco é destinado à exclusão e à correção.

A desrazão torna-se o fio condutor da história da medicina que como objeto de produção de conhecimento possibilita a emergência do discurso e das práticas psiquiátricas, e o saber sobre o louco é produzido na experiência do isolamento e do internamento. Foucault nos mostra que esta cena é produzida pelo discurso médico que trata de classificar seu objeto, a loucura, regida agora pela *episteme* do período clássico que forma uma ordem racional das espécies. Porém, como pode a medicina classificar algo que está para além do profissional? Mas Foucault pergunta: “Como definir a insanidade sem investigar aquilo a que não se tem acesso na mera aparência do sintoma, como organizá-la em quadros de classes e hierarquias recusando o que está oculto sob um corpo?” (FOUCAULT *apud* OLIVEIRA, 2010). Assim, convivem, na primeira metade do século XVIII, a percepção do louco, representada pela prática do internamento, e o discurso médico, um conhecimento que se dá entorno dele. Enfim, para Oliveira, Foucault explica que o século XVIII é marcado pela profunda submissão da loucura à razão, revelando que nessa experiência a loucura ganha autonomia em relação às diversas classificações impostas pelo “grande enclausuramento” e ocupa um papel social próprio.

Com a segunda metade do século XVIII, tem-se a possibilidade da percepção de duas alterações significativas a respeito do tema, e que por sua vez iniciam a instituição da “doença mental” e da psiquiatria, logo após, no século XIX. No concernente à teoria, trata-se de uma transformação da loucura, adotando o caráter de alienação. Ainda no nível teórico, Foucault apresenta que neste momento forja-se outra tentativa de explicar o fenômeno:

A loucura é possível porque a sociedade afasta homem e natureza; afastado da natureza, o homem se perde de si; louco, o homem se afasta da “sua” verdade. Perda da natureza, distanciamento de si, loucura é “alienação”. Própria do interior, a loucura vai-se transformando em via de acesso à verdade do homem. (CALOMENI, 2010, p. 57)

No concernente à prática e ao saber, criam-se os asilos, instituições, destinadas ao abrigo exclusivo dos loucos. E emergem duas críticas relativas à criação dos asilos:

Se por um lado, não convém permitir o convívio – instituído por uma decisão arbitrária – entre os indivíduos reclusos e os loucos, por outro, não se pode deixar de absorver a população - entendida agora como fonte de riqueza e força de trabalho – como mão de obra para o capitalismo crescente. Se o louco não deve compartilhar o mesmo espaço com os outros tipos sociais nem pode permanecer no seio familiar para receber assistência privada, - tanto a família quanto os recolhidos nas instituições merecem ser protegidos – e se é incapacitado para o trabalho, é necessário mantê-lo aprisionado, é inevitável a configuração de um exclusivo e particular. (CALOMENI, 2010, p. 57-58)

Através de uma providência a fatores extra-científicos, sociais, econômicos e políticos, e não por um gesto propriamente médico-científico, a segregação dos loucos é imposta. Cria-se um espaço de reclusão particularizado, objetiva-se a loucura – tornada, neste momento, o objeto de um saber específico por meio de práticas institucionais - e individualiza-se o louco em comportamentos, hábitos, alucinações. Passa-se a observar a loucura com maior eficácia e mais rigor.

É pela observação das estratégias de controle e dominação que se pode verificar o nascimento do saber psiquiátrico. “Alienado”, o louco torna-se “doente mental” e, neste caso, objeto de terapêuticas e práticas de controle muito determinadas (CAMOLENI, 2010, p. 59).

Esse momento nos permite o conhecimento do terceiro ato, a concepção moderna da loucura. Carregando muito do período clássico, o saber conferido à loucura inaugura, de fato, o asilo e a psiquiatria. E atribui aos reformadores uma aparente idéia de libertadores, sendo nada mais que a naturalização da loucura como doença mental. O saber psiquiátrico mostra, assim, nos bastidores, um lugar próprio de proteção à população, “batizando como cura a submissão a princípios claramente morais” (OLIVEIRA, 2010, p. 403).

O asilo, um espaço de reclusão, age como lugar de cura das perversidades, das anomalias morais; e o louco se submete ao julgamento do médico, psicanalista ou psiquiatra na tentativa de recuperar um resquício qualquer de razão. Isto cabe a admissão da loucura como representante de um conflito interno, subjetivo, e não mais como perda absoluta da razão. A modernidade é o momento da maciça imposição do estatuto do doente mental, as instituições não fazem nada a mais que afirmar isto. E “o asilo, que abre o caminho para a configuração da doença mental, é dominação ainda mais eficaz da loucura” (CALOMENI, 2010, p. 58).

A arqueologia da loucura revela a passagem do onírico à exclusão. A variedade de qualitativos da loucura nos mostra a radicalização da concepção renascentista transferida às práticas institucionais da modernidade. Foi-se apagado o horizonte positivista da loucura, limitando-a as margens da arte e da filosofia, e posto em cena o discurso epistemológico. As

práticas institucionais, o discurso científico e a norma social tomaram conta da loucura de diferentes formas, como é mostrado por Foucault em *História da Loucura*.

Em seus estudos seguintes, Foucault, no curso *O saber psiquiátrico* (1973) nos apresenta uma idéia diferente da que até então vigia entre suas vias argumentativas. Seu trabalho se pautava na preocupação de revelar os discursos e saberes psiquiátricos. Contudo, tal preocupação se desloca neste momento para a apresentação dos poderes referidos à loucura numa perspectiva genealógica preocupada, para além do discurso, com as práticas não discursivas. É dada, assim, a articulação entre saber, verdade e poder.

O espaço de preocupação foucaultiano se constitui, neste segundo momento, na análise das relações de poder, como se estabelecem e como permeiam o interior da psiquiatria. Os dispositivos de poder são considerados instâncias de produção de práticas discursivas e enunciados psiquiátricos. Cumpre esclarecer que dispositivo, aqui, tem sentido foucaultiano, caracterizado por uma variedade de elementos discursivos e não discursivos.

Para traçar a história de um dispositivo, é preciso analisar relações. Tais relações devem ser estabelecidas a partir do pressuposto metodológico de que o discurso pode aparecer como um programa de uma instituição, como um elemento que permite justificar ou mascarar uma prática que permanece muda, ou como uma reinterpretação dessa prática, fornecendo acesso a um novo campo de racionalidade. (PORTOCARRERO, 2002, p. 24)

Portocarrero em *Arquivos da Loucura* (2001), livro de semelhante inspiração foucaultiana, afirma que em relação à anormalidade, esse dispositivo constitui-se num tipo de formação, utilizado em determinado momento histórico como prática imediata, a fim de responder a uma urgência como, por exemplo, controlar uma massa de população incômoda. Tal dispositivo tem como estratégia uma manipulação de forças, através de intervenções racionais e organizadas.

De acordo com Portocarrero, há um consistente significado na passagem do século XIX ao século XX no Brasil no que diz respeito à psiquiatria, pois nesse período se configura uma nova postura dos psiquiatras brasileiros. Estes que agora buscam contribuir na produção científica, não admitindo somente receber e repetir os padrões psiquiátricos europeus. Por isso, “aos alienistas já não basta mais justificar a ineficácia dos hospícios com respostas político-administrativas. Era preciso, então, penetrar no interior da ‘ciência’ da alienação mental” (PORTOCARRERO, 2002, p. 34). E é nesse contexto que a psiquiatria, muito científica e embasada na medicina moderna, torna-se um saber necessário à sociedade.

O saber médico toma uma posição fundamental a partir do século XIX, pois detém as condições exigidas para a conservação da saúde da sociedade. O médico, por possuir o

conhecimento das causas sociais da doença, atua como auxiliar para a manutenção da saúde da população. E, de forma análoga, a psiquiatria luta contra as causas das doenças mentais e o potencial ameaçador dos doentes mentais e seus "afins", como alcoólatras e delinquentes. Desta forma, "os psiquiatras brasileiros começam a participar dos debates científicos no estágio em que se encontram na Europa em fins do século XIX, estudando seus novos conceitos e suas novas formas de institucionalização" (PORTOCARRERO, 2002, p. 35).

Contudo, suas funções eram ainda muito restritas, fazendo-se necessária, então, uma reformulação do asilo, para que os loucos, ainda que carentes de cuidados médicos, obtivessem uma melhor assistência terapêutica. Assim, verifica-se a necessidade de incorporação do papel médico, exercendo total poder sobre os anormais, no sentido de praticar uma segregação dos indivíduos, doentes ou não doentes, e o melhor encaminhamento a cada um deles. Surge, desta forma, a ideia de transformar o hospício em uma instituição hospitalar, pautada na concepção de que o médico deveria se posicionar, de maneira autoritária, no centro da vida dos loucos.

Os asilos, no citado contexto histórico, sofriam críticas por sua ineficácia e insuficiência, revelando a falta de instituições articuladas aos hospícios e de uma lei que permitisse o movimento de sequestro dos loucos, para que o médico pudesse regular sua situação na sociedade. Os psiquiatras brasileiros do século XIX se mostram limitados em suas funções, basicamente definidas no movimento de medicalização, que consiste não só no reconhecimento das qualidades distintivas dos loucos ou na inclusão do modelo hospitalar no hospício, como também no almejo da constituição de um novo estatuto jurídico, social e civil do alienado, definido por Portocarrero como "estado de menoridade".

Todos os problemas relativos a essa questão – direito de sequestração, a relação entre o louco e a família, entre o louco e a Justiça, o louco e a psiquiatria, o louco e o Estado – tornam-se de particular importância para a assistência ao alienado. Eles constituirão pontos básicos para a transformação da prática psiquiátrica no Brasil. (PORTOCARRERO, 2002, p. 96)

A psiquiatria brasileira do final do século XIX começa a se moldar na tentativa de incorporar um modelo capaz de articular a assistência psiquiátrica à necessidade de elaboração de uma lei para a sequestração do louco, a fim de institucionalizar o asilo. Todavia, esse movimento torna-se difícil, pois para concretizar o "estado de menoridade", deveria haver uma política inexistente no Brasil; a exigência de um médico especializado em diversas instâncias, como na família, na administração e na Justiça. Desta forma, reconhecer a medicalização no hospício significa reconhecer a medicalização da sociedade.

Com o discurso de garantir as condições necessárias para a sequestração do louco, devido a seu potencial problemático quanto às autoridades, e instituição fundamental do asilo, a psiquiatria autoafirma-se única e capaz de solucionar o problema posto, já que possui o conhecimento sobre a loucura. Entretanto, implícito ao sequestro tem-se uma contradição, já que fazê-lo provém de uma necessidade social, no sentido de defesa da população, e finda numa injustiça, já que infringe o princípio de liberdade individual, segundo Portocarrero. Retorna-se, então, ao posicionamento do psiquiatra que dispõe da solução a essa contradição “ao se transformar em instância definidora do estatuto do louco, como doente e como incapaz, como sujeito a ser tratado e protegido por uma lei medicalizada, ou seja, uma lei elaborada a partir do saber da medicina mental” (PORTOCARRERO, 2002, p. 97).

Nesse estágio, a psiquiatria brasileira anda lado a lado com a fomentação de uma lei nacional capaz de estabelecer que a vida do alienado seja regida por um elemento idôneo, o psiquiatra, dando ao alienado o estatuto de doente e de menor. Em 1903, é promulgada a lei dos alienados, tornando o hospício o único lugar adequado ao doente mental.

A lei estabelece a guarda provisória dos bens do alienado, determina a declaração dos loucos que estão sendo tratados em domicílio, regulamenta a posição central da psiquiatria no interior do hospício, subordina a fundamentação de estabelecimentos para alienados à autoridade do ministro do Interior ou dos presidentes ou governadores dos estados, cria uma comissão inspetora de todos os estabelecimentos de alienados. (PORTOCARRERO, 2002, p. 97)

Após a criação da lei de 1903 surge a preocupação da estatização do hospício, ou seja, para que o internamento não se transformasse numa exclusão repressiva, era necessário, por deliberação dos psiquiatras, que o Estado fosse responsável pelos hospícios, uma vez que se mostra capaz de proteger a sociedade dos possíveis descomedimentos dos loucos. Logo a seguir, ainda em 1903, é conseguida por Juliano Moreira a promulgação de uma lei federal de assistência a alienados, reforçando o processo de psiquiatrização do louco através de uma política de saúde mental. De acordo com Portocarrero, é garantida neste momento a articulação de um código teórico, uma tecnologia de intervenção, um dispositivo institucional, um corpo de profissionais e um estatuto do usuário, ou seja, tem-se o aparato das nosografias, da terapia, do asilo, dos médicos e da menoridade do alienado.

Juliano Moreira traça no início do século XX uma luta a favor da psiquiatrização, na tentativa de inaugurar um modelo de assistência apropriado para tornar homogênea a intervenção médica. Para tal, procura instituir, como diretor do Hospício Nacional dos Alienados e diretor geral da Assistência a Psicopatas, um controle e diretrizes uniformes de conduta no que diz respeito aos loucos, visando sempre responsabilizar o Estado.

Para além do anseio dos psiquiatras quanto ao saber classificatório, agora incorporado à prática psiquiátrica na perspectiva de adotar uma uniformidade no campo da psiquiatria para alcançar melhores resultados nos estudos afins; é também exigido pelo Estado o mesmo instrumento médico-classificatório a fim do maior controle da população e da saúde, por meio de um órgão de fiscalização da psiquiatria. Ainda com o intuito de fazer levantamentos estatísticos, criou-se em 1940 a Divisão de Assistência à Psiquiatria, sob responsabilidade do Departamento Nacional de Saúde.

Afinal, de acordo com Portocarrero, desde 1920 a psiquiatria brasileira nota a importância da união da medicina mental à legislação, visto que, por um lado, tem-se o benefício do Estado, no que diz respeito ao controle e a disciplina da população e, por outro, o benefício da própria psiquiatria, já que desta forma alcança um patamar mais abrangente e ao mesmo tempo torna-se mais específica. Ou seja, com a possibilidade de alcançar diferentes instâncias sociais, a psiquiatria inaugura gradativamente diferentes saberes e práticas.

Como afirma Portocarrero, é com este movimento que a psiquiatria aos poucos vai diferenciando a medicina científica da assistência. Isto é, o resultado da articulação entre prática e teoria, evidenciada por Juliano Moreira, torna fundamental a medicalização não só dos verdadeiros loucos como também a medicalização dos loucos em potencial.

Toda anormalidade passa a ser percebida como um desvio mental. Ela é medicalizada, isto é, submetida à racionalização terapêutica para deter, cuidar, corrigir e reeducar, assim como ocorreu, no século XIX, com a loucura. O conceito de doença mental, que se deve à percepção da loucura como um comportamento indisciplinável, que deve ser tratado e estudado pela medicina mental. (PORTOCARRERO, 2002, p. 103)

Juliano Moreira estabelece, pela primeira vez, um deslocamento nas áreas de atuação da psiquiatria, que deixa de atuar somente nos asilos e passa a atuar em outras frentes para dar conta das diversas classificações de anormais - reconhecidos como indivíduos não disciplináveis e que, ainda assim, não podem ser inseridos na categoria dos doentes mentais. Assim, a psiquiatria separa os verdadeiros doentes mentais dos outros tipos de anormais e, a partir disto, desenvolve certas ações como a criação do Manicômio Judiciário, a penetração explícita da psiquiatria na Justiça, a aprovação de uma lei federal de assistência e o projeto de criação de colônias agrícolas especiais para o atendimento a esses desviantes (PORTOCARRERO, 2002).

Segundo Portocarrero, com todo o reconhecimento social da psiquiatria e sua aplicação na educação, na família, nas Forças Armadas, e na Justiça, tem-se no Brasil do século XX, assim como na Europa, a política de assistência ao anormal com o propósito da

cura científica. As políticas de assistência deixam de promover cuidados detentores e passam a promover cuidados curativos (Moreira *apud* Portocarrero, 2002), ou melhor, passam a promover um tratamento racional.

O chamado tratamento racional corresponde a uma prática médica que utiliza, além de medicamentos e técnicas do tipo da clinoterapia e da punção lombar, dados estatísticos, registros e uma nova disciplina (MOREIRA *apud* PORTOCARRERO, 2002, p.??).

A utilização desses recursos denota o envolvimento da medicina mental com o projeto da medicina social, cuja prática pretende penetrar em toda a sociedade, projeto desenvolvido desde o século XIX com base na compreensão de que o perigo urbano exige a criação de uma tecnologia de poder capaz de controlar os indivíduos, tornando-os produtivos e inofensivos. (PORTOCARRERO, 2002, p. 111)

Em suma, a psiquiatria do século XX não se encontra centralizada em seu campo de ação tradicional, o hospício, mas explicita-se tanto nas práticas alternativas de assistência visando à cura do anormal, para que este possa ser novamente inserido num sistema de produção capitalista, quanto no que Portocarrero chama de processo de psiquiatrização da normalidade, quando instâncias como a família, o governo e as Forças Armadas são abarcadas pelo saber da medicina mental no intuito de prevenir a possibilidade de ocorrência ou manifestação da anormalidade.

1.1 ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Dito isto, inserido na moderna configuração da psiquiatria brasileira, encontra-se Arthur Bispo do Rosário, nascido provavelmente em 14 de maio de 1909, em Japarutuba, pequena cidade a cinquenta e quatro quilômetros de Aracaju. Após um episódio de delírio em que, como afirma o próprio Bispo, sete anjos o deixam à meia-noite na casa da Rua São Clemente 301, residência do advogado Humberto Leone⁴; Bispo peregrina por dois dias por igrejas do centro da cidade do Rio de Janeiro. Ao chegar ao Mosteiro de São Bento anuncia aos monges presentes que estava ali para julgar os vivos e os mortos.

(...) este tempo traz em ato o que os significantes fundamentais do sujeito dizem. É numa trindade que Bispo se posiciona. Na casa do advogado Leone, um triângulo masculino – José Leone no trono de Deus, Humberto Leone, seu filho, no papel de Jesus Cristo, e Bispo no de São José. Mais tarde Bispo afirmaria ouvir as vozes de São José, seu pai, e da Virgem Maria, sua mãe, desde a infância. O lugar de Jesus era do próprio Bispo. (CORRÊA, 2001, p.??)

⁴ Humberto Leone foi advogado de Arthur Bispo do Rosário após um acidente de trabalho na Light, empresa na qual Bispo permaneceu entre 1933 e 1937. Desde então, Bispo é acolhido pela família Leone, chegando a morar no quarto dos fundos cedido pela mesma.

Em decorrência desse delírio, em 22 de dezembro de 1938, Bispo é levado para o Hospício da Praia Vermelha e diagnosticado como esquizofrênico-paranoico. Do Hospício da Praia Vermelha, Bispo é encaminhado à Colônia Juliano Moreira – permanecendo na mesma entre 1938 e 1989 -, onde pôde escapar de tratamentos psiquiátricos como a lobotomia, porém, ainda era submetido a tratamentos como os eletrochoques. No que diz respeito às drogas medicamentosas, que ganham força na Colônia em 1950, Bispo se punha em reclusão voluntária para não ingerí-las, chegando a recusar até mesmo a comida que lhe ofereciam, já que minimizavam sua capacidade de "trabalho".

Quanto a isso, Bispo dizia ter uma missão. Como enviado de Deus, sua função no mundo era somente uma: a confecção de objetos que transcrevessem sua percepção da realidade. Obrigado por vezes, para que conseguisse cumprir sua missão, permanecia, por vezes, enclausurado durante meses. Segundo o próprio Bispo, um de seus recolhimentos teria durado sete anos.

Bispo do Rosário se tornou uma figura notória no campo da psiquiatria brasileira por constituir, por meio da representação do mundo à Deus, uma subjetividade que transita e escapa do poder psiquiátrico classificatório e normativo. E, por isso, este trabalho pretende compreender a forma estética de existência inaugurada por Bispo; estética de existência como entende Foucault, como a possibilidade de criação de um estilo próprio de vida, de construção de si mesmo como o artesão da beleza de sua vida (VENTURA, 2011).

Desta forma, o presente trabalho procura ponderar a produção de uma subjetividade mais libertária, materializada por Arthur Bispo do Rosário quando este foge aos padrões de identidade impostos pelas práticas psiquiátricas, construindo-se como sujeito por meio de práticas próprias de liberação (FOUCAULT, 1984). Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura no intuito de identificar e discorrer sobre sua biografia, sobre sua vida, sobretudo acerca de sua potencialidade de elaboração de um universo de miniaturas como forma de reedição de sua existência na Terra.

2 A CRIATURA

Um dia eu simplesmente apareci no mundo.

(Arthur Bispo do Rosário)

É difícil traçar uma identidade para Bispo quanto às perguntas sobre sua origem. Aparentemente, Bispo fez questão de manter seu passado como páginas em branco para que pudesse construir a si mesmo e a sua história de acordo com sua missão. Contudo, Dantas (2009) consegue resgatar, na medida do possível, a biografia de Bispo.

Nascido em julho de 1909, na cidade de Japaratuba, estado de Sergipe, Bispo foi batizado três meses após seu nascimento, porém não foi reconhecido legalmente. Sua filiação é uma lacuna duvidosa. Nos registros da igreja onde foi batizado,¹ seus pais constavam como Claudino Bispo do Rosário e Blandina Francisca de Jesus. Porém, em registros de seus posteriores trabalhos o nome de seu pai constava como Adriano Bispo do Rosário, ou o item filiação era preenchido como “desconhecido”. Não há como esclarecer, ao certo, os nomes de seus pais, já que Bispo sempre se recusou a falar sobre sua família e sua origem, entretanto, toma-se como mais confiável as informações mantidas na sua igreja de batismo.

Bispo fez questão de esconder os rastros e registros de seu passado, e conseguiu reescrever sua trajetória como bem lhe foi desejado. Desta forma, Bispo conta sua vida um pouco diferente, e esta se inicia da seguinte forma: “Um dia eu simplesmente apareci no mundo.” (Hidalgo *apud* Dantas)

Não é de extrema surpresa que desvendar os traços biográficos de Bispo é uma tarefa árdua. Então, admitamos desde agora que a história de Bispo está repleta de mistério, e que o leitor deve apostar em sua imaginação para preencher algumas lacunas.

Dantas encontra semelhanças entre o passado de Bispo (como sua cidade natal, a herança apresentada em seu nome, a fase em que pertenceu à Marinha etc.) e aspectos de sua missão, no processo de reinvenção de sua história e de sua apresentação como o escolhido de Deus. Dentre essas semelhanças, Dantas inicia apontando o termo “missão”, muito recorrente na história de Japaratuba e também na de Bispo. É como se Bispo recuperasse, em certo sentido, a tradição de Japaratuba, cidade que apresenta cunho muito forte quanto aos dogmas da igreja católica, e que após um surto de varíola passou a realizar a Missão Japaratuba. Quando Bispo dá início à sua caminhada, guiado por sete anjos no centro da cidade do Rio de Janeiro, afirma começar sua missão: tornar conhecimento de todos que fora o escolhido de Deus.

Também pode-se apontar como herança de Japaratuba a habilidade artística de Bispo, pois a maioria de suas criações têm como base o bordado. Ainda relacionada ao catolicismo da cidade nordestina, sua população sempre foi fiel a Quaresma, período religioso em que os

adeptos permanecem em jejum por quarenta dias, sem comemoração ou qualquer tipo de festejo. O período que sucede a Quaresma é marcado pelos trajes, mantos, decorações e enfeites na maioria das vezes bordados e costurados.

Não se pode, ao tentar recuperar a biografia de Bispo, ignorar ou dar pouca importância à ligação intrínseca que esta figura estabelece com a tradição católica. Além da Quaresma, podemos citar o Dia de Reis, as homenagens a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e os muitos dias de reza à Virgem Maria. Nestas comemorações havia momento de coroação, procissões, vestimentas como mantos bordados com sutileza e uma beleza inquestionável, como afirma Dantas.

Ele cresceu em meio a todo esse folclore, a toda essa tradição, que, junto com o cerimonial da coroação e sua significação – a glória, a distinção, o poder, a dignidade –, se apresentam como elementos residuais que foram recriados em sua obra. (DANTAS, 2009, p. 19)

Em 1925, quando completou seus quinze anos, Bispo foi levado pelo pai ao alistamento na Escola de Aprendizes de Marinheiros de Sergipe, começou realizando tarefas de limpeza. Tão logo, em 1926, foi transferido ao Rio de Janeiro ao Quartel Central do Corpo de Marinheiros Nacionais de Villagagnon.

Após sua transferência, Bispo nunca retornou ao Nordeste, e sua casa passou a ser os navios, onde viveu por muito tempo. Bispo recupera em suas obras as lembranças que a vida de marinheiro lhe proporcionou. Registros como navios e retalhos costurados com nomes e funções dos marinheiros fazem parte da sua representação do mundo.

Em 1930, Bispo foi promovido ao cargo de sinaleiro-chefe-B, na qual se incumbia de comunicar certas situações a longa distância, facilitando a entrada e saída dos navios no porto. Permaneceu nesta função até que decidiu abandonar a Marinha, três anos depois. De certa forma, Bispo sentia-se oprimido pelas regras da Marinha. Apesar de ter tido comportamento exemplar em algumas situações, em outras Bispo era tido como subversivo. “Os documentos da instituição mostram que, constantemente, ele era punido por insubordinação, e chegou a ser preso em solitária durante oito dias, em julho de 1929.” (DANTAS, 2009, p.22)

Bispo sempre foi mencionado como um homem de personalidade muito marcante, que não admitia sujeitar-se a comandos ou regras. Ainda no ano de 1929, Bispo foi submetido a exames médicos, feitos pela própria Marinha, pelos quais fora considerado inapto à promoção. Ocorreu-lhe entre os meses de abril e maio de 1930, uma internação do Hospital Central da Marinha. Não há registros sobre a doença em que Bispo foi afligido. Contudo:

apesar das imprecisões os registros da passagem do artista pela Marinha são as que mais apresentam detalhes sobre a sua vida, constituindo-se no [...] melhor e mais precioso memorial sobre a vida de Bispo. Sem detalhes que esclareçam sobre sua possível gênese de futura dissociação mental, o documento revela alternância de comportamento ‘exemplar’ e falta ao trabalho, e uma prisão em solitária por oito dias, [...]. É razoável pensar, ainda que com base no frágil histórico disponível, que Arthur viveu à margem dos processos reguladores do comportamento ou que era de índole difícil. (DANTAS, 2009, p. 22)

Em 1931, Bispo foi promovido pela última vez, só que este ano por antiguidade. E em 1933, foi excluído da Marinha por seu comportamento indisciplinar.

Uma das lacunas não preenchidas na biografia de Arthur Bispo é a história, contada por ele, de um lutador de boxe. Afirma ele ter sido pugilista durante o período de alistamento à Marinha, e que foi muito famoso em seu *hobbie*. Objetos como saco de areia e um ringue estão presentes no seu conjunto de obras. Mas, nas investigações feitas por Dantas e por outros curiosos sobre a vida deste artista, não se encontra registros que comprovem esta história. Somente o testemunho de um homem, ex-combatente da Marinha de Guerra: “Ao que tudo indicava, tratava-se, mais que de um lutador, de um homem de briga, um ‘guerreiro’” (anônimo *apud* Dantas, 2009).

Apesar de ter sido excluído da Marinha, Bispo afirma sair, de certa forma, por desejo próprio.

Quando eu era da Marinha, eu era pugilista, levei muita pancada. Hoje eu me sinto. Resolvi cair fora porque os oficiais não gostavam de marinheiro no jornal. Me prendiam quando eu tinha lutas marcadas com empresário. Aí eu cá fora. (*apud* Dantas, 2009, p. ??)

Quando saiu da Marinha, Bispo passou a morar no centro do Rio de Janeiro, na Praça XV de Novembro. Em 28 de dezembro de 1933, foi contratado pelo Departamento de Trações de Bondes da Viação Excelsior, prestando serviço como lavador de bondes. Bispo foi promovido três vezes nesta empresa. Na primeira vez, passou a ajudante de vulcanizador, depois a vulcanizador 3º, e na terceira vez, em 1936, foi elevado a meio-oficial.

No período em que esteve na Light, Bispo sofreu dois acidentes. O primeiro, em 1935, foi um acidente de trabalho, uma contusão na perna esquerda. Logo depois, em 1936, teve parte de seu pé direito esmagado ao pular de um ônibus que ainda estava em movimento, ônibus este que estava sendo consertado pelo próprio Bispo.

Com o tempo, tiveram outros indícios de sua insubordinação. Em 1937, Bispo foi demitido, pois não aceitou cumprir ordens de um profissional. Seguido de sua demissão, Bispo contratou os serviços de Humberto Leone, que lhe conseguiu uma indenização pelos acidentes. Neste momento se iniciou uma aproximação com Humberto Leone, quando Bispo

tornou-se hóspede da família, passando a morar em um quarto de empregados nos fundos da casa, em Botafogo.

Bispo foi acolhido no casarão da família Leone, na rua de São Clemente, em Botafogo. A mansão de dois andares era digna de uma família patriarcal de origem paraense e de hábitos baianos, cujo chefe era o advogado José Maria Leone, casado com Auta Leone. Como bom patriarca, José Leone, acolhia, na sua casa, nove filhos, três agregados e uma leva de empregados domésticos. Bispo foi trabalhar para eles e se tornou um empregado fiel. (DANTAS, 2009, p. 29)

Ficou encarregado de muitas coisas, como um faz-tudo. Suas funções se estendiam desde pintor de muros até conselheiro particular. “Mais do que empregado, era um servo que, em troca de abrigo, segurança, roupa lavada e comida, ‘jurou’ fidelidade aos seus senhores” (DANTAS, 2009, p.29).

Na noite de 22 de dezembro de 1938, Bispo foi cortejado por sete anjos, que anunciavam sua missão. Bispo havia sido escolhido por Deus, e veio à Terra para julgar os vivos e os mortos, além de ser eleito à recriar o mundo, para que fosse apresentado ao Todo-Poderoso no Dia do Juízo Final. “Ele fora convocado pelos céus e, a partir de então, se pôs a realizar, com grande afinco, sua missão, pois ser ‘o escolhido’ era mais que um privilégio, era uma vocação” (DANTAS, 2009, p. 30).

Bispo peregrina pelo Centro do Rio, começando pela Igreja de São José e finalizando no Mosteiro de São Bento. Este episódio termina com Bispo sendo levado por policiais civis ao Hospital Nacional dos Alienados, manicômio situado na Praia Vermelha. Permaneceu por pouco tempo lá, logo sendo realocado na Colônia Juliano Moreira, em 25 de janeiro de 1939. Muitos poderiam considerar sua estadia na Colônia como sendo o fim, o ponto final em sua história, mas isto era apenas o começo.

Ao chegar à Colônia, Bispo estava muito agitado e agressivo, por isto foi alocado no Pavilhão 11 do Núcleo Ulisses Viana, onde permaneciam os internos agressivos. Foi diagnosticado como esquizofrênico-paranóide. Aos poucos foi ganhando espaço no pavilhão, e tão logo Bispo ficou conhecido como xerife. Conservava sua força e valentia na Colônia e quando os funcionários precisavam acalmar algum interno, não hesitavam em chamar o xerife e, para isto, Bispo mantinha uma toalha umidecida na mão, como uma luva de boxe.

Por mais que tivesse alcançado um reconhecimento na Colônia e, de certa forma, uma função, Bispo passava a maior parte de seu tempo enclausurado, por opção, em sua cela-forte, para que conseguisse realizar o prometido.

Apesar de ter sido um homem de poucas palavras, muitas vezes de difícil comunicação, Bispo era sociável, e com isto conquistou a confiança dos funcionários da

Colônia. Desta forma, “transitou algumas vezes entre a casa daqueles (que sempre o receberam) e a Colônia, entre sua primeira casa e sua segunda casa – era assim que ele considerava o manicômio” (DANTAS, 2009, p. 31).

Bispo começou a confecção de seu mundo ainda no quarto dos fundos da casa dos Leones, em Botafogo. O primeiro a perceber isto foi seu patrão Humberto Leone, que assistiu o início da elaboração do manto.

Afinal, aquele que deveria recriar o mundo não era qualquer um, e o traje ordinário não era digno de quem assumiria o trono de Deus. Ele dizia que o manto era pra ser usado no encontro com o Todo-Poderoso, no dia da ‘passagem’ – passagem para o além-mundo. (DANTAS, 2009, p. 31)

Suas idas à casa dos Leones cessaram com o seguinte episódio:

os filhos de Humberto Leone estavam reunidos com primos e amigos e um dos primos resolveu contrariar o desejo de Bispo, negando-se a reconhecer a marca em suas costas – logo, a não aceita-lo como enviado de Deus. As crianças começaram a rir – risos que soaram como ecos de um pesadelo, agravando o estranhamento. Era o fim do reinado de Bispo no casarão (Hidalgo *apud* Dantas, 2009, p. 31).

Não podendo interromper sua missão, logo tratou de se realocar em um dos escritórios de Humberto Leone, localizado na Avenida Rio Branco, no centro do Rio.

Nesse novo refúgio, iniciou o seu processo de reclusão e ascese. Pouco falava, nunca saía, jejuava. Mas as mãos estavam sempre em movimento, ensaiando a criação do mundo; de pedaços de madeira, nasciam brinquedos: navios, caminhões, carrinhos. Praticamente ninguém entrava ali, e ele sequer deixava entrar a luz do sol; o espaço foi sendo sacralizado e só aos eleitos mostrava o manto que estava criando (DANTAS, 2009, p. 31).

Voltou a internar-se, convencido por Humberto Leone, depois que foi pego parado em frente à janela do escritório que morava, o que fez com que Humberto Leone cogitasse a possibilidade de que Bispo quisesse cometer suicídio.

Teve uma breve estadia no Hospital Pedro II, no Engenho de Dentro, e retornou à Colônia, em 1948. Entre suas transferências, idas e vindas, Bispo não sossegava com relação à produção de seu mundo. O desejo de detalhar as coisas mundanas para o dia do juízo final era mais importante que tudo. Por mais que em seu prontuário conste que ficou mais de 50 anos internado, na realidade, Bispo cumpriu bem menos que isto. Em muitas de suas fugas à casa dos Leones, Bispo ficava um bom tempo por lá.

A vida de Bispo durante as décadas de 1950 e 1960 foi marcada pelo livre trânsito entre a Colônia e todas as casas da família Leone. Voltou a ocupar o escritório da Avenida Rio Branco e, novamente, foi indicado por Humberto Leone a realizar outras atividades, por medo de que seu quadro clínico se agravasse. Desta forma, Bispo começou a trabalhar como

vigia na Clínica Amiu. Emprego este que lhe traria a confiança de um dos proprietários da clínica, Avany Bonfim.

Mais uma vez Bispo trabalhou – como pedreiro, marceneiro, vigia – em troca de casa e comida, pois dizia que o dinheiro era fonte de perdição. Era a Virgem Maria, sua mãe, que o aconselhava a ficar longe do dinheiro, além de proibir-lhe o fumo e a bebida. A dieta alimentar continuava. A Virgem também o aconselhava a tratar bem as crianças e a se afastar das pessoas mundanas. (DANTAS, 2009, p. 34).

Avany passou a cuidar de Bispo, e esta relação não apresentou problemas, já que Avany aceitava entrar em seu jogo. Dizia ver sua aura e sempre dava um jeito de acalmá-lo quando “sua aura brilhava de mais”.

Voltou pela última vez e para sempre à Colônia, no final da década de 1960, com quase 50 anos de idade. Tudo o que havia produzido foi levado contigo. E, nesse momento, Bispo precisou de dois caminhões para realizar a mudança. Naquele momento, mais que nunca, Bispo precisava alimentar seu exército de miniaturas. Sua aparência compunha um homem de cabelos um pouco grisalho, ainda saudável, mas não com a mesma vitalidade. O momento do Juízo Final se aproximava a cada dia e era preciso, sem fraquejar, detalhar as coisas mundanas. E, para isto, Bispo realizava, dentro da Colônia, um escambo com os funcionários que lhe depositavam confiança. Eram cigarros, pingas etc., em troca de linhas, agulhas, frutas, cabos de vassoura, papelão. Além disso, Bispo realizava andanças pela Colônia coletando as sucatas e o lixo, disponíveis naquela imensa área verde, que se revelavam apropriados a sua obra.

O falecimento de Bispo ocorreu em 1989, muito fragilizado pelas condições de seu quarto-forte, no qual apresentava sérios problemas, como infiltrações e falta de luz solar, proliferando cada vez mais poeira e mofo. O ambiente e as obrigações de sua missão causaram em Bispo astenia (debilidade orgânica) por conta dos jejuns, dispneia (dificuldade de respirar), arteriosclerose e enfisema pulmonar. Diante disto, era certo que Bispo necessitava da medicação de alguns remédios, porém, só tomava os que, à sua percepção, não minavam sua capacidade de trabalho. Assim como fez para driblar alguns mecanismos do tratamento psiquiátrico, como os eletrochoques, lobotomia, a comida que vinha com medicação escondida, Bispo tratou de tomar somente o Filinasma, remédio que auxiliaria os problemas de respiração. E quanto aos outros, ele recusava sempre que podia.

A década de 1980 foi marcante na vida de Bispo. Em 18 de maio de 1980, houve uma matéria sobre a Colônia Juliano Moreira, reportada no programa Fantástico, da TV Globo. Além de mostrar aos brasileiros a real situação do hospício, o que ajudou muito quanto à conscientização para com os internos, proibindo o eletrochoque e abrindo os quartos-fortes;

“naquele dia, em meio à atroz paisagem do hospício, o universo encantado de Arthur Bispo do Rosário foi apresentado pela primeira vez aos brasileiros” (DANTAS, 2009, p. 44).

E, neste mesmo período, chegaria à Colônia uma mulher que se tornaria motivo de inspiração para Bispo, a estagiária do curso de Psicologia, Rosângela Maria. Para Bispo ela era Rosângela Maria de Jesus e representaria a mulher ideal, casta. Bispo ignorava, então, o motivo de Rosângela estar na Colônia, mesmo que esta deixasse bem definido seu objetivo na Colônia, a saber, um estágio de dois anos.

A terapeuta esforçava-se para trazê-lo à realidade e, com realismo, ele relatou a história daquela instituição psiquiátrica durante os anos em que lá viveu, história que conhecia bem. Sobre a sua história de vida, contava seus feitos na Marinha, no boxe, e que tinha uma missão a cumprir – e começava seu discurso mitopoético (DANTAS, 2009, p. 45).

Muitos passaram a se interessar pelo trabalho de Bispo, e começaram os rumores que aproximavam a missão de Bispo à arte. Ainda na década de 1980, Bispo protagonizou o filme *Prisioneiro da Passagem*, de Hugo Denizart. E tão logo, em 1982, Bispo alcançou os expectadores no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro. A mostra *À margem da vida* exibiu parte de suas produções que, neste momento, já ocupavam 10 quartos-fortes no Núcleo Ulisses Viana.

Sempre que fosse passar um longo período realizando sua missão, Bispo anunciava sua transformação. Por vezes, permanecia durante meses dentro dos poucos metros quadrados que dispunha, sem falar, sem comer e sem luz solar. “Ele fez do hospício seu lar e do seu quarto-forte o seu mundo” (DANTAS, 2009, p. 43). Até que sua transformação chegou ao fim, e sua passagem para o além-mundo aconteceu no dia 5 de julho de 1989.

3 A EXISTÊNCIA DOS DUPLOS

*Os loucos são como beija-flores:
nunca pousam, ficam a dois metros do chão.
(Arthur Bispo do Rosário)*

Na passagem do século XIX ao XX houve uma preocupação e um aprofundamento no que diz respeito aos estudos elaborados sobre as formas de produção artística dos internos psiquiátricos. Isto não modifica o fato de que continuavam associando a atividade artística psicopatológica à degeneração mental.

De certo, Bispo escapa às exigências de identidade do sujeito, seja do sujeito normal, trabalhador disciplinado, seja do sujeito imerso no sistema psiquiátrico do século XX, o doente mental ou o esquizofrênico-paranóide - que atribuí a sua produção uma expressão doentia, mórbida. Ao contrário do que define o poder psiquiátrico, Bispo, assim como outros personagens imersos no sistema psiquiátrico, deve ser compreendido por seu processo de criação, ou pelo o que ele define como sendo sua missão. “Entendo, como muitos outros, que só existe uma arte, arrebatadora, de beleza convulsiva, capaz de ampliar nossa estreita noção de realidade, capaz de colocar em jogo nossa relação com o mundo” (DANTAS, 2009, p. 13). Bispo deve ser, portanto, compreendido por seus duplos.

Dantas traz em seu livro *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio* a discussão da criação dos duplos do ser. E esclarece que o sentido conferido ao termo “duplo” sugere um rompimento com os nossos outros. Mais claramente, o outro “é um fenômeno inerente ao processo de desenvolvimento da personalidade ou do processo de individuação do homem” (DANTAS, 2009. p. 59), ou seja, o outro sempre está presente em nós, é nossa coleção de desejos, é o que nos torna sujeito e predicado, o que nos torna o nosso Eu.

Desta forma, excluimos por questão lógica a ideia de que a personalidade possui uma unidade. Somos uma produção de diversas instituições, familiar, escolar, profissional. O homem dá sentido à sua racionalidade através de sua inconstância. E o ser “pronto” é um ideal. O Eu pode ser individual, mas não pode ser uno, tem-se, então, a criação de nossos duplos. O momento em que cada outro se manifesta, de maneira mais autônoma e mais sacrificante, a fim de algo maior e mais necessário, de acordo com nossas necessidades.

No campo psiquiátrico o duplo aparece sob a face da esquizofrenia, da inquietação alucinante ou também como paranóia, ou seja, a psiquiatria admite os duplos como toda forma de loucura. Porém, os homens são não se excetua deste fenômeno (Morin *apud* Dantas, 2009), pois, como já dito, o duplo constitui nossos outros, e estes são inseparáveis do nosso ser.

Os duplos de Bispo despertaram nele uma necessidade urgente de “afirmar a sua existência contra a ação do tempo, contra as forças malignas deste” (DANTAS, 2009). E diante de tamanha exigência a abnegação não poderia ser pequena. Bispo renuncia o seu próprio Eu. É difícil traçar algumas razões pros desencadeamentos dos duplos de Bispo, contudo acredito que um dos motivos seja sempre a pressão social imposta a nós. O louco não é louco por preferência. Suas manifestações, delírios ou paranoias, são formas de reorganização de si mesmos, de subjetividade. A loucura de Bispo manifesta-se para dar sentido à sua vida. A ambiguidade intrínseca às relações sociais gera conflitos em nós que se externalizam ou não, e quanto à Bispo podemos apontar muitas ambiguidades, muitos paradoxos.

A ambiguidade da existência, a vida e a morte, para além da contradição inerentemente posta, pois viver é o morrer suave, paulatino. A finitude da vida diante da infinitude da morte. A maior parte da história de Bispo foi guiada pela obrigação de inventariar o universo a fim de representá-lo no dia do Juízo Final e, como Dantas (2009) afirma, a obra de Bispo é o resultado do “viver a morte” e não do “pensar a morte”. Bispo foi destinado a agonizar através de seus delírios, cujos sentidos conferem, aqui, o afastamento do caminho da razão. O desejo extravasa as formas de codificação das normas sociais, leis, instituições, contratos.

A ambiguidade da existência caminha lado a lado com a ambiguidade dos mistérios do cotidiano. Os mistérios dolorosos frente aos gozosos. A abdicação da leveza da vida, a luta com a individualidade, ainda que imersa em certo sistema, em prol do martírio divino, como o próprio bispo enunciava.

O encontro com a morte não conduziu Bispo ao suicídio, mas a um descomedimento – a *sua* loucura. Sua própria explicação da loucura é significativa: ‘Cada louco é guiado por um cadáver. O louco só é curado quando se liberta do morto’ (MORAIS *apud* DANTAS, 2009, p. 49).

A ambiguidade dos mundos, o interior e o exterior, que por muitas vezes fundiram-se em um só, para que sua missão fosse cumprida. Bispo permitiu-se viver a liberdade e a alienação, em mundos diferentes e ao mesmo tempo num só. E é interessante observar que liberdade e alienação ocupam espaços diferentes ao longo da vida de Bispo. Podemos afirmar que antes dos anjos anunciarem o dever de Bispo na Terra, a liberdade era o mundo exterior. A liberdade era o pugilista, o jovem que recusou, sempre que pôde, a seguir quaisquer ordens de submissão. Tão logo, o mundo exterior tornou-se alienação e a liberdade passou a traduzir o mundo interior. Bispo só teria sossego e seria livre a ocupar o trono ao lado de seu Pai, pois

fazia questão de ser reconhecido como Filho de Deus, se não interrompesse a reprodução das coisas mundanas. A cada passo a caminho da morte diminuía a distância até o ser desprendido, do ser liberto.

Devido á consciência do absurdo que é a vida, o processo criativo de Bispo envolvia muita dor e a necessidade de criar compulsivamente. A percepção de que seu mundo interno estava estilhaçado e o externo, sem sentido, levou-o à necessidade de recriar algo que fosse percebido como um mundo completamente novo (DANTAS, 2009, p. 86).

Em meio a tantos paradoxos manifestam-se os duplos de Bispo. Um Bispo doente mental que se vê obrigado a cumprir alguns requisitos do poder psiquiátrico. Um Bispo que se tornou um número e um prontuário, classificado como esquizofrênico-paranóide. Um outro Bispo, redentor, que abdicou do seu próprio Eu em prol de uma obrigação que transbordava sua vida de sentido. Criatura guiada por vozes divinas, obrigando-o ao martírio, ao jejum e aos muitos dias de trabalho a fim da reedição das coisas mundanas. Sujeito domado, dependente de uma missão árdua, que só terminaria no dia de sua morte, na passagem ao além-mundo. E ainda, um Bispo criador, possuidor de um talento imensurável, de intensidade avassaladora. Engenheiro de um mundo em miniaturas, de estantes, brinquedos, roupas, e tantas outras coisas, que por muito tempo ficaram guardadas em seus quartos-fortes. Indivíduo capaz de traçar, dirigir, e produzir um conjunto de 802 peças, tão subjetivo quanto a si próprio.

Bispo tornou-se Deus de seu mundo, e recriou as coisas como bem quis e o que quis. Assim o fez de diversas maneiras, mas a principal foi a técnica de mumificação, que consiste no envolvimento de certo objeto com tecidos. E o mais interessante é que Bispo produzia até mesmo o fio que usava para enrolar seus objetos. Não poderia ser um fio qualquer, comprado em carretéis como todos os outros. Seu trabalho iniciava-se antes, com o desfiar dos uniformes disponíveis no manicômio, por isto, seus objetos são sempre de cor azul.

4 A INVENÇÃO DE UM MUNDO

O trabalho que Bispo realizou não foi pequeno e tão menos simples. Suas obras variam desde casacos bordados até estantes com pares de chinelos. Seus dez quartos-fortes foram arrebatados com miniaturas, estantes, mantos, casacos etc. e todos eles feitos somente por Bispo, um a um, pois os objetos tinham que ser dignos de apresentação a Deus no dia do Juízo Final. Tudo o que fosse produção do homem tornava-se matéria prima, só que Bispo os dava novos sentidos, nas formas, novas finalidades.

Uma de suas atividades era a criação de miniaturas. Essas representações em tamanho pequeno de objetos do nosso cotidiano eram feitas dos mais variados objetos: madeira, lata, tecido, papelão, etc. E muitas delas foram submetidas à técnica de mumificação. E a maioria de seus objetos estava relacionada aos ofícios e às atividades domésticas.



Imagem 1: Regador.

Não nos enganemos com a potência desses pequenos objetos. É preciso ultrapassar a lógica para ver o que há de grande no pequeno. Nas miniaturas, os valores se condensam e se enriquecem. (...) São signos de um novo mundo que estava em construção, de um mundo que, como todos os outros, continha atributos de grandeza (Dantas, 2009, p.104).

Mas seu trabalho não se restringia à produção de miniaturas. Volta e meia, Bispo realizava andanças pelo depósito de lixo da Colônia, voltando de lá com muitos objetos tidos como obsoletos, caídos em desuso, para que tão logo os desse vida novamente. Bispo organizava e colecionava em estantes e vitrines objetos como colheres, chinelos, canecas, chapéus, botões, etc. todos resgatados ali, na Colônia. E Bispo não poupava esforços, veja,

por exemplo, este conjunto de botões: “Organizado sobre quatro cartelas de papel envolvidas com plástico, presas umas às outras por linhas e dispostas verticalmente” (Dantas, 2009, p. 110)



Imagem 2: Botões para palitô sobretudo e capa pereline.

A Marinha foi tema muito recorrente nas obras de Bispo: a elaboração de muitos objetos demonstram seu respeito por esta hierarquia. Estão presentes navios, fragatas, navios de guerra, barquinhas, porta-aviões, veleiros, jaquetas usadas por oficiais. Dantas (2009) afirma que Bispo nunca deixou de ser passageiro, tripulante, e com isto ele seria o prisioneiro da passagem, prisioneiro das embarcações.



Imagem 3: Jaqueta

O bordado também é uma técnica muito presente dentre as criações de Bispo que bordava textos, palavras e até figuras sobre os panos que tinha, eram lençóis, retalhos, e sua linha era na maioria das vezes o fio azul do uniforme manicomial. Nisto, Bispo recuperava as tradições de sua cidade natal, Japarutuba, que ficou conhecida por suas bordadeiras. Assim, encontravam-se tranças, tramas, costuras e bordados por todos os lados.

Dentre seus bordados, de certo, o mais importante foi o Manto da Apresentação. O mais detalhado, o mais colorido e o mais rico de sentidos. Há uma dualidade de sentido, pois ao mesmo tempo em que o Manto vestia Bispo, o contrário acontecia: Bispo assumia o lugar do Filho de Deus, do mensageiro.

O Manto foi confeccionado tanto por fora quanto por dentro. A parte externa é feita “de um cobertor, palavras, símbolos, números e figuras bordados em fios de lã, distribuídos quase que circularmente; alarmes e cordas de cortina servem como adornos” (Dantas, 2009, p. 207). Seu interior foi todo elaborado sobre um tecido branco e bordado, em sua maioria, com fios de cor azul, em forma de espiral que terminavam na abertura da cabeça. A frente do Manto é composta por símbolos que lembrariam seu reconhecimento como Jesus Cristo. Uma balança simbolizando a justiça, provavelmente relacionada ao dia do Juízo Final também está presente.

Assim como na tradição religiosa brasileira, na qual havia a coroação do Rei dos Reis, o Manto exprimi toda a subjetividade de Bispo “síntese de sua mitopoética” e materializa todos os delírios, todas as propensões lúdicas de Bispo. É a criação da dimensão trágica de sua vida.

Obra centrada na imaginação, de natureza aglutinadora, envolvente e sintética, é a encarnação do sacrifício e da salvação, da dor e do êxtase, da infâmia e da glória. No ser submetido à brutalidade e a privação, ela tem o poder de restituir a dimensão dos impulsos afetivos e deve ser apreciada com os olhos da alma porque ‘o que nela se manifesta aponta para o invisível, o impalpável, o inefável’ (Sevcenko *apud* Dantas, 2009).



Imagem 4: Manto da Apresentação

5 CONCLUSÃO

Recuperando a via argumentativa, o discurso sobre a loucura sofreu diversas mutações com os períodos históricos. Inicialmente, no Renascimento, a loucura era sinônimo de sabedoria cósmica. A loucura guiava o homem através da insensatez, impulsionando-o a certo reconhecimento social, pois o louco renascentista é absolutamente capaz de conhecer o além-mundo. Neste momento, a “experiência trágica” traduz todos os sentidos conferidos à loucura.

Aos poucos, o cenário social deixa-se dominar pela razão, e isto reflete também na concepção de loucura. A Idade Média inaugura a relação loucura-razão, e o elemento fundamental capaz de vinculá-los é a moral. O que foi sabedoria em outro momento, agora é desrazão. Nasce a ideia do isolamento, da internação, pois, nesta cena, a loucura é associada à fraqueza, e para regenerar-se o louco deveria se submeter às classificações da *episteme*. A “experiência trágica” cede lugar à “experiência crítica”, associada aos erros e defeitos humanos.

A terceira e última cena, a modernidade, apresenta mudanças mais palpáveis no que diz respeito às práticas da medicina psiquiátrica. A loucura ainda está vinculada à alienação, porém as práticas e os saberes dão origem a asilos, manicômios, hospitais psiquiátricos. Torna-se inevitável para esta medicina a produção do doente mental que, dentro do sistema construído, transforma-se em muitas outras classificações como o paranóico, o esquizofrênico, o psicótico etc.. É interessante pensar que a modernidade é cruel para com os loucos, porque a psiquiatria está preocupada em revelar a origem de seus delírios. Os médicos anseiam pela cura e isto possibilita a criação de mecanismos que, mesmo não os curando, fazem com que seus descomedimentos sejam menores, como os eletrochoques, e mais tarde, a lobotomia.

Sujeitos que ganham autonomia frente ao poder psiquiátrico não são bem vistos. Mas como pensar desta maneira se esta medicina tem como objeto seres que ingressam em suas imaginações para fugir de algum lugar? O poder psiquiátrico funciona dentro de um paradoxo, já que não cultiva a multiplicidade de sujeitos, justamente, com sujeitos que se destacam por suas singularidades; sujeitos que anteriormente escaparam da monotonia, do padrão social.

Eis que inserido neste contexto de padronização, de submissão, de normatização, surge um artista múltiplo, criador, engenheiro, bordador, estilista, etc. Bispo, negro, pobre e louco, mas possuidor de uma experiência trágica incomum. Um outro pensar, um outro conhecer, um outro viver escapam e transitam neste sistema. A aparição dos anjos na noite de 22 de

dezembro de 1938 foi para ele renovação de sentido. Capacidade de uma vida que seria possível por ela mesma. Vida que teria objetivo até o seu fim. Vida que foi destinada a realizar um trabalho incrível e de aptidão de poucos.

Bispo fez da Colônia seu lar e nunca aceitou sair definitivamente, porque, por mais que fosse louco, sabia que a sociedade é perversa com sujeitos como ele. Suas exigências eram poucas, espaço, comida de vez em quando, e o mais importante, sossego para realizar sua missão. Tranquilidade para libertar seus duplos, o Bispo doente mental, o redentor, o criador, transformando sua vida em obra de arte. Este homem permitiu-se sofrer, abdicou de sua liberdade para continuar vivendo.

Concluo dizendo que a satisfação e a beleza de uma vida estão, não em sua essência ou pureza, mas sim em seus disfarces e astúcias que impressionam o olhar do outro; nas criações e perturbações, possíveis pros loucos e pros sãos; nas diversas formas poéticas, experiências trágicas, na criatividade. É mais importante e mais interessante focar o olhar sobre o louco não como um doente, mas apegar-se ao seu devir, ao seu potencial criador. De certo, isso não os libertaria do sofrimento, mas tornaria possíveis suas vidas.

REFERÊNCIAS

- CALOMENI, Tereza Cristina B. A "secreta fundação" da psiquiatria: considerações sobre a análise foucaultiana da história da loucura. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922010000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mar. 2011.
- CAPONI, Sandra. Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 maio 2011.
- CORRÊA, Maria Clara Queiroz. Arthur Bispo do Rosário – Biografia Clínica. Associação Brasileira de Psiquiatria, **Revista Casos Clínicos**, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.abpbrasil.org.br/medicos/publicacoes/revista/arquivos/03Artigo%20Original%20-%203%20Bispo.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2011.
- DESCOBRINDO Bispo do Rosário. **Produção de F. Corpas. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2012. 1 DVD.**
- DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FOUCAULT, M. **Poder Psiquiátrico**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.
- _____. Uma estética da existência: entrevista com A. Fontana. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. **Le monde**, jul. 1984. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/estetica.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora, 2008.
- MACHADO, R. Introdução. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998.
- NALLI, Marcos Alexandre Gomes. Figuras da loucura em *Histoire de la Folie*. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 6, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- OLIVEIRA, Daniella Coelho de. Entre a clausura do desatino e a "inclusão" da anormalidade: vicissitudes da loucura na obra de Michel Foucault. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922010000800013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 jul. 2011.
- PORTOCARRERO, Vera. **Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. (Coleção Loucura e Civilização).

VENANCIO, Ana Teresa A. **A Colônia Juliano Moreira na década de 1940: política assistencial, exclusão e vida social.** In: Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, 3, 2008, Niterói. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/MR_34c.pdf> Acesso em: 23 jun. 2011.

VENTURA, Rodrigo Cardoso. A estética da existência: Foucault e Psicanálise. **Cogito**, Salvador, v. 9, n. 9, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2011.